

Interações em imagem: retratos da feira-livre de Coité-BA

Image interactions: portraits of the Coité-BA free fair

Moisés dos Santos Viana¹

RESUMO: O artigo apresenta e analisa o processo das interações simbólicas por meio das imagens da feira-livre de Conceição de Coité-BA, buscando relacionar as imagens como amostra das referências culturais que esse evento representa. Para tanto, fez-se uma análise das fotografias da feira-livre ao se observar a construção de significados das imagens que retratam formas, processos e interações específicas no local. Assim, mais que uma categoria da política cultural, observa-se que a feira-livre é uma referência cultural e se apresenta como fenômeno comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: feira-livre, interações simbólicas, imagem, Conceição do Coité-Ba.

ABSTRACT: The article presents and analyzes the process of symbolic interaction through the images of the “open air fairs” of Conceição do Coité-BA, trying to relate the cultural references in the photographs this event represents. Lastly, in the analysis this photographs it was observed the construction of meanings of images that depict forms, specific processes and interactions in the “open air fairs”. Therefore, more than one category of cultural policy, observed that the “open air fairs” is a communication phenomenon.

KEYWORDS: images, Conceição do Coité-Ba, open air fairs, symbolic interaction.

INTRODUÇÃO

A feira-livre de Conceição do Coité-BA é um acontecimento tradicional em que são comercializados diversos produtos como roupas, calçados, utensílios, objetos, frutas, legumes e verduras. Ela acontece tradicionalmente às sextas-feiras, constituindo-se um evento celebrado por toda comunidade local no período de aproximadamente 40 anos. A feira possui diversos elementos que atraem o olhar ao fenômeno da comunicação, seja ele visual ou verbal, construídos por meio da convivência como um conjunto de valores, percepções, preferências e comportamentos.

¹ Mestre em Cultura e Turismo (UESC). Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UESB). Jornalista (FIAMFAAM). Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XIV - Departamento de Educação (DEDC) Grupo de Pesquisa Formação, Experiências e Linguagens- FEL da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).
<http://lattes.cnpq.br/1940914210391451> - tutmosh@gmail.com



Assim sendo, essas características expostas acima se apresentam como marcas das manifestações culturais, expressando as formas de construção de identidades. Por sua vez, a identidade na contemporaneidade toma um aspecto peculiar estético, intersubjetivo, interculturalizado, relativo, fragmentado, segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2003). Não há uma identidade uniforme, determinada, mas tal como o discurso, perpassada pelas variações contextuais da comunicação. (MARTINO, 2010). Nessa perspectiva faz-se a análise das interações simbólicas, manifestação cultural humana elementar, pois é através delas que se percebe o mundo. Por exemplo, as manifestações culturais populares estão em consonância com o *ethos* da comunidade e se desdobram em manifestações que acontecem como comemoração do povo espontaneamente e são apropriadas com interesses diversos (público ou privado). Destacam-se as tipologias das pessoas que vivem, donas de casa, trabalhadores rurais, transeuntes, vendedores, comerciantes, jovens, crianças e idosos, e se definem no processo de compra e venda de mercadorias, que longe de ser algo estanque e acabado, torna-se um processo material, plástico, comunicativo e conflituoso (VIANA, MESQUITA FILHO, MOREIRA, 2010).

Figura 1: O processo de compra e venda de mercadoria, em Coité-BA.



AUTOR, 2015

A região classificada como território do Sisal (ou sisaleira) está inserida no semiárido baiano, o nordeste do estado da Bahia, a 200 km de Salvador. Abrangendo uma área de 21.256,50 Km² e subdividida em 20 municípios: Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Serrinha, Teofilândia, Valente, Barrocas, Biritinga, Conceição do Coité, Ichu, Lamarão, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Tucano, Araci, Candéal, Cansanção e Itiúba, de uma população de aproximadamente 570.720 habitantes (58.238

agricultores familiares, 2.482 famílias assentadas, 2 comunidades quilombolas e 1 terra indígena), segundo a EMBRAPA (2015). Essas informações básicas trazem à luz os elementos que se pode caracterizar as relações de identidade do local.

Assim, formula-se o problema de pesquisa do presente estudo, a partir do questionamento: de que maneira a feira-livre se constitui referência cultural dentro do contexto local, em que as imagens dos objetos do local da feira livre são assimiladas como elementos de interacionismo simbólico? Para tanto, foram feitas 04 visitas de campo na feira-livre, em que se retratou (coleta de imagens) e se fez observações de campo, entre Janeiro de 2015 e Maio de 2015. A análise das imagens é feita nas interfaces das pesquisas na área de comunicação: mensagens e contexto. As mensagens e o território no contexto que estas são criadas e os diferentes ordens das linguagens (SANTAELLA, 2002). Daí o propósito de tentar analisar esse fenômeno: A) primeiro se destaca os conceitos de “patrimônio imaterial” e “referências culturais” e a importância dessa reflexão para classificar a feira-livre de Coité-BA segundo essas características; B) em seguida, relaciona-se como esses processos acontecem na feira-livre, em específico na comunicação, sabendo que o universo simbólico das imagens passam pela espontaneidade das culturas regionais e locais, tornando-se referências culturais para o povo da localidade.

Espaço e acontecimento: patrimônio, legado e referências culturais

O conceito de patrimônio, do latim *patrimonio*, nasce como herança do sistema jurídico romano, com o conceito de bem da família, *domus*, e envolve um conjunto de pertencas materiais de um determinado grupo. (CHOAY, 2001). Desse modo, como afirma Bomfim (2009), o conceito de patrimônio está intimamente ligado a transmissão da memória. Ela contém significados, formando valor e laços culturais simbólicos que unem e cimentam as identidades.

O patrimônio, identificado assim como legado de uma geração para outra, é justificado socialmente por envolver diversas relações sociais que carregam símbolos pertencentes aos grupos que o tem como referência e como solidificador de identidade. Faz-se uma reflexão sobre a memória do lugar, dos eventos e dos elementos, constitutivos do patrimônio cultural. Segundo Le Goff (1990, p. 428), a memória nesse jogo tem papel fundamental: “O primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem”.



Dá as mnemotécnicas para guardar e reproduzir a riqueza étnica das comunidades e suas memórias. Le Goff (1990), por seu turno, conceitua memória segundo os seguintes termos:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (1990, p. 423).

Para manter-se dinâmica e ao mesmo tempo viva e significativa na formação da identidade é possível registrar, identificar, gerar conhecimento. Por isso, “A memória pode, assim, ser assimilada a essa faculdade constituinte da identidade pessoal que permite ao sujeitos de se pensar detentor de uma essência que permanece estável no tempo” (CANDAU, 2009, p. 47). Porém, a identidade exige que a narrativa de si no mundo seja “autêntica”, acoplada no real, com valor de verdade em uma tradição:

A tradição pode se dar a ver na religião, festas, comemorações, monumentos, mas sua expressão pública mais moderna é provavelmente o poderoso movimento de patrimonialização. A patrimonialização e a tomada de valor do patrimônio pode ser considerada como narrativas de si, narrativas que inscrevem o objeto patrimonial em uma tradição ou, melhor ainda, que 'tradicionalizam' esse objeto e que, em primeiro lugar, são destinados a assegurar em sua essência, a sociedade que é o autor: de onde ela vem, onde vai, etc (CANDAU, 2009, p. 48).

Afirmar a partir disso o valor do patrimônio cultural que de alguma maneira passa pelo processo de integração como as identidades da comunidade representada pelos bens culturais imateriais. “A imaterialidade é relativa e, nesse sentido, talvez a expressão ‘patrimônio intangível’ seja mais apropriada, pois remete ao transitório” (FONSECA, 2003, p. 66). Nessa perspectiva

Entende-se por ‘patrimônio cultural imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu

ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2006, p. 04).

Figura 2: As formas de comunicar-se: identidade, corpo, mercadoria e sujeitos de misturam



AUTOR, 2015

A UNESCO vai classificar esse patrimônio como uma série de conhecimentos e técnicas que junto às pessoas possuem um valor excepcional à comunidade, resgatando um saber único e singular: linguagem, música, manifestações culturais (festas, ritos de passagem), modos de vida, costumes. Por isso, as abordagens interpretativas da cultura captam as relações da cultura com as formas mais sutis de viver dos sujeitos sociais. O importante é o conjunto de significados que a cultura encerra para os sujeitos que tem nas suas manifestações os sentidos identitários, suas memórias coletivas e individuais. As diversas formas de expressão simbólica que constituem a singularidade das comunidades: as formas de falar, o artesanato, as narrativas, os contos e os cantos permitem que a feira se faça como um microcosmos dessas expressões. Por isso mesmo pode ser atribuída a elas o conceito de referência cultural para comunidade de Coité-BA e região.

Desse modo, o conceito alcança o mercado de produção, distribuição e consumo, diferenciando das outras formas de fomentar uma economia específica para os seus produtores, sem precisar passar por intermediadores ou concorrer com as formas de produção cultural mercantilizadas e potencializadas no capitalismo, por exemplo. Tal perspectiva das referências culturais atinge também a relação entre mestres e aprendizes, o

tempo da produção, a transmissão do conhecimento, o trabalho em equipe, a sensibilidade e os valores estéticos vão de encontro ao processo atual, desumano e destruidor das singularidades e das tradições pré-modernas e não alinhadas ao processo de produção capitalista.

[...] os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda, [...]. (UNESCO, 2006, p. 3).

O patrimônio cultural imaterial em Coité-BA e seus aspectos humanos ligam integralmente o sujeito social ao passado e alimenta suas identidades. Por isso é importante destacar as características que fundamentam identidades na modernidade destacadas no processo da cultura como bem e construtor de subjetividades.

O impacto das revoluções culturais sobre as sociedades globais e a vida cotidiana local, no final do séc. XX, pode parecer significativo e tão abrangente que justifique a alegação de que a substantiva expansão da ‘cultura’ que experimentamos, não tenha precedentes. Mas a menção do seu impacto na ‘vida interior’ lembra-nos de outra fronteira que precisa ser mencionada. Isto relaciona-se à centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social (HALL, 2005, p.01).

Ou seja, as manifestações culturais se constituem depositários das identidades e da memória viva. Não é o passado lembrado por símbolos estanques e conservados por leis, mas o intangível, os efeitos de sentido, suas contradições e multifacetadas ações, a ligação entre passado e presente, afirmando a cultura e as identidades de uma determinada população.



Figura 03: A mandioca, a técnica de cultivo, conhecimento associado, parte da cultura local e do patrimônio imaterial



AUTOR, 2015

Desse modo, segundo Fonseca (2000), observa-se as representações que marcam as identidades de uma localidade e da comunidade envolvem os habitantes, as paisagens, objetos e edificações, saberes e tradições, hábitos e cotidianidade. Assim, ao conceder significado a determinada referência cultural ou um determinado grupo social, reconhece-se valores, representa coletivamente as identidades narradas.

Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados (FONSECA, 2000, p. 112).

As referências culturais não são objetos estanques, parados no tempo, mas são identificados como elementos vivos da comunidade, e que tenha um valor mesmo para um restrito grupo, ou seja, que tenha importância e que seja socialmente constituído por um conjunto de signos e que marcam a formação de suas identidades.

Pois trata-se de identificar, na dinâmica social em que se inserem bens e práticas culturais, sentidos e valores vivos, marcos de vivências e experiências que conformam uma cultura para os sujeitos que com ela se identificam. Valores e sentidos esses que estão sendo constantemente produzidos e reelaborados, e que evidenciam a inserção da atividade de

preservação de bens culturais no campo das práticas simbólicas (FONSECA, 2000, p.119).

Assim sendo, valores e sentidos se complementam em uma interação comunicacional que se abrange em expressões plásticas, comunicacionais, imagéticas, materializando-se como prática, como parte de um universo simbólico local, dotado de narrativas identitárias ricas e mais que do que tudo, expressiva, rica e profunda.

Imagens da feira de Coité: interações simbólicas e identidades

A feira-livre é um acontecimento, não se constitui apenas um aspecto físico, mas uma referência cultural, pois envolvem elementos funcionais, um conjunto de elementos comunicacionais que se apresentam como singulares em suas forma e constituição. Como um todo, surge um conjunto de narrativas identitárias, pois se faz parte de uma rede de interações simbólicas (comunicativas, sociais e culturais), observando a questão do interacionismo simbólico (BLUMER, 1980), destacando três premissas para haver interação: 1) os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece; 2) estes significados são provenientes da interação social; 3) estes significados são manipulados pela interpretação e utilizados pelas pessoas que entram em contato.

Figura 03-B: A cultura material, mercantil e patrimônio cultural formam identidade.



AUTOR, 2015

Assim, as imagens da feira-livre formam a dialética em que se reconhece os sujeitos, a comunidade os processos de criação de bens e suas referências culturais no sertão baiano. “Para um indivíduo, o significado de um elemento nasce da maneira como outras agem em relação a si no tocante aos elementos. Todas as suas ações preocupam-se em defini-lo para o indivíduo”. (BLUMER, 1980, p. 121). O que se tem aí é uma comunicação imagética limpa, com uma mediação que ilustra o modo de vida campesino e sua relação conflituosa não só com a natureza, mas também com a cidade. Pois na urbanidade há mais relações humanas mediadas pelo Estado, pelos conflitos civis que alteram as percepções e narrativas da comunicação de uma maneira mais densa. A imagem comunicativa é de que mesmo com a dureza e rigidez da vida, percebe-se a leveza e proteção da cultura que reveste o humano em seus contextos mais agrestes e ríspidos.

Conforme é possível se observar (**Figuras 03 e 04**), destaca-se que as redes de interação simbólica que funcionam como grande alegoria do sertão, o sol, a natureza, a luta do sertanejo da área rural, ou mesmo o convívio com a seca, com a dialética da vida atroz que o sol representa. O conglomerado dos símbolos, dos utensílios e da relação comercial narram o drama da morte e vida, das severas batalhas do trabalho. Tem-se assim uma interpretação para si e para o outro, dos significados que nascem dessa interação que forma a ação social dos sujeitos. Daí cabe à questão dos significados dos objetos: “tudo que for passível de ser indicado, evidenciado ou referido”, ou seja, “objetos físicos”.

Tal significado determina a maneira pela qual vê o objeto, pela qual se encontra preparado para agir em relação ao mesmo e pela qual apronta-se para comentá-lo. O significado dos objetos para um é, basicamente, gerado a partir da maneira pela qual lhe é definido por outras pessoas com quem interage. (BLUMER, 1980, p. 128).

Os chapéus e as cordas lembram mais do que nunca que os aspectos estéticos são bem específicos, sóbrios, limitados nas cores, ou seja, arquétipo das regiões extremas, onde negociação homem-natureza não é tão pacífica.

Figura 4: Objetos das vendas, tipos de alimentos, organização se constituem elementos da referência da cultura de Coité-BA.



AUTOR, 2015

O significado de qualquer elemento deve ser formado, assimilado e transmitido através de um processo de indicição, o qual, necessariamente, é também social. A coexistência grupal humana ao nível da interação simbólica representa um complexo sistema no qual o indivíduo forma, mantém e transforma os objetos de seu universo, à medida que lhes concede significado. (BLUMER, 1980, p. 128).

As referências culturais ligadas à palha, aos trabalhos com esse insumo, ilustram riqueza material/imaterial das identidades dos sujeitos da região do sisal, o uso do Agave² como matéria prima para compor os utensílios, aproveitando a fibra como ícone da resistência, da utilidade e da riqueza local. No processo de interação, os sujeitos sociais se encontram com um mundo que deve interpretar, orientar-se e responder as questões fundamentais de sua existência e do cotidiano.

Como ilustra a **Figura 05**, o modo de produção toma uma nova vertente, diferente, plasticamente mais colorida, segue uma estética mais urbana dos utensílios, as formas mais femininas apontam para um fazer-saber misto, mesclado pela cor, pela beleza das alternâncias cromáticas.

² *Agave Sisalana Perrine* pode ser cultivada em locais de baixa pluviosidade e tem sua origem no México. Foi trazido para o Brasil no início do século XX. (SANTOS et al, 2011).

Figura 05: Os chapéus, as palhas e as cordas são objetos que ilustram na comunicação as identidades narradas. É o atemporal da cultura.



AUTOR, 2015

O salto qualitativo da cultura é parte dos movimentos recíprocos de interação. A mercadoria não é apenas mercadoria, é arte, é expressão de vida. Então o trabalho do campo é artesanato, designer e mais do que tudo, processo de significado, amplitude simbólica-comunicacional dos sujeitos que se narram em seu cotidiano, formando e transformando suas identidades.

A comunicação é um meio de agir sobre os outros para obtermos a satisfação de nossas necessidades, constitui um processo intencional, pelo qual as pessoas influenciam o comportamento dos demais, levando-os a realizar certas ações cuja premissa não se encontra em sua própria motivação, mas na mensagem que recebem de seu semelhante, e isso no quadro de interações sucessivas, que determinam a formação de verdadeiros sistemas de ação social (RÜDIGER, 2011, p. 67).

Figura 05-B: Cada utensílio é um ponto das narrativas construídas para poder ilustrar as identidades dos sujeitos no semiárido baiano



AUTOR, 2015

Ou seja, forma-se um conjunto de ações que é possível de se narrar e descrever, fruto de uma composição assimilável nos processos de interação. Os processos de comunicação daí não são um simples estímulo-resposta, mas expressão e interpretação de significados identitários, referências culturais. Por seu turno, os sujeitos sociais desenvolvem interações simbólicas, estabelecem novas formas de estar no mundo de maneira a criar um universo de significados abrangentes que o ligue ao universo social.

Figura 06: A estética da produção se modifica de acordo com as formas de comunicação. A quem se quer comunicar.



AUTOR, 2015

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações simbólicas fazem com que haja uma unidade das referências culturais como elemento típico da comunidade. Funciona como algo comum, típico e comunicacional. A feira-livre de Conceição do Coité-BA mais que uma tradicional ação de comércio, é síntese de um grupo social, é determinador de uma comunicação visual, encerra valores, percepções, preferências e comportamentos.

Figura 07: As formas das cores e as interações se tornam mais complexas numa comunicação identitária sofisticada.



(AUTOR, 2015).

As culturas expressivas se baseiam em identidades. Estas são narradas cotidianamente nas interações simbólicas que fazem com que haja uma visão de mundo específica dos sujeitos que aqui vivem e se materializam nos objetos, nos gestos, nas cores, nas formas de se comportar. As imagens apresentam as interfaces das mensagens e contexto da cultura regional e envolve memória, legado cultural, saberes e fazeres, verdadeiro fluxo de signos, por isso mesmo comunicável.

Uma imagem, vale mais que mil palavras, mas é uma chave de leitura, onde as palavras se fazem descritivamente como interpretantes das mil e uma imagens que se desdobram nas interações dos sujeitos sociais. Daí o desafio da comunicação. Interpretar essas iterações e mais do que nunca assumir o desafio de por-se a serviço das referências culturais locais, para poder nutri-las, ampliá-las e fortalecê-las.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. De peregrino a turista, o una breve historia de La identidad In: HALL, Stuart; GAY, Paul du (Com). **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2002.

BOMFIM, Natanael Reis. Patrimônio, turismo e planejamento: formatação de produtos. In CAMARGO, Patrícia; CRUZ, Gustavo da (Orgs). **Turismo Cultural: Estratégias, Sustentabilidade e Tendências**. Ilhéus, Editus, 2009. p. 225-248.

BLUMER, Herbert. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: MORTESEN, David (Ed.). Teoria da comunicação : textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

CANDAU, J. **Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade**. In: Revista Memória em Rede. Pelotas, v1. N1, Jan-Jul, 2009, p. 43-58. Disponível em: <<http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>>. Acesso 20, mar-2016.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; LONDRES, Maria Cecília. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO/Educarte, 2008.

CHOAY, F. Monumento e Monumento Histórico. In: **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 11-29.

EMBRAPA. **Território do Sisal**. Disponível em: http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/territorio_sisal/arvore/CONT000fckg3dhc02wx5eo0a2ndxyf4ytald.html . Acesso em: 20/03/2015.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Marta (org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

UNESCO. **Documentos da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. In: Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. 29/set à17/Out. 2003. Paris, França. Documentos. 2006.



FONSECA, Maria C. L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio [2000]. In: **IPEA: Publicações – Desafios do Desenvolvimento**. Disponível em: <www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/.../bps.../referencia.pdf>. Acesso em: 07 de Set. 2010.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Mundo geo!** Geografia - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2005. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/mundogeo/geopolitica/more/stuarthall.htm>>. Acesso em: 08 de mai. De 2008.

MARTINO, Luís M. Sá. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p.200-212. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em 15 de mar. 2010.

RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editora, 2002.

SANTOS, Walter NL; et Al. Biosorption of Pb (II) and Cd (II) ions by Agave sisalana (sisal fiber). **Microchemical Journal** 97, no. 2 (2011): 269-273.

VIANA, Moisés S.; MESQUITA FILHO, Pinto de Odilon; MOREIRA, Jussara Tânia Silva. “Fala aí, freguês!”: Estratégias de Comunicação na Feira Livre de Itapetinga-Bahia doi: 10.5007/1984-8951.2010 v11n99p93." **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas** 11, no. 99 (2010): 93-110.

